

DESENVOLVENDO O HÁBITO DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO FORMAL

DEVELOPING THE HABIT OF THE READING IN THE INITIAL YEARS OF THE FORMAL EDUCATION

Priscila Benitez Afonso
UNORP/UNICERES

RESUMO

Um dos requisitos fundamentais da atividade pedagógica consiste em fazer com que a criança adquira capacidade de leitura e tenha acesso às informações disponíveis em meios escritos. A iniciação à leitura faz a criança compreender a imagem gráfica representada em qualquer tipo de suporte, a fim de buscar o caminho progressivo, o qual vai da imagem ao texto. A deficiência na leitura é um problema que atinge muitas crianças nas séries iniciais do ensino fundamental, fazendo com que algumas delas não consigam ter acesso à escrita, então por que tantas crianças não conseguem desenvolver o hábito da leitura? O educador perante esse questionamento deve desenvolver estratégias eficientes, capazes de estimular tal hábito. Esse trabalho objetivou elencar as estratégias utilizadas pelos professores tanto na literatura como na prática pedagógica para desenvolver o hábito da leitura nos alunos, uma vez que leitores eficientes tornam-se escritores eficazes, capazes de produzir livros renovados.

Palavras-chave: Educação. Estratégias. Leitura. Práticas de leitura.

ABSTRACT

One of the basic requirements of the pedagogical activity consists of making with that the child acquires reading capacity and has access to the written available information in half. The initiation to the reading makes the child to understand the represented graphical image in any type of support, in order to search the way gradual, which goes of the image to the text. The deficiency in the reading is a problem that reaches many children in the initial series of basic education, making with that some of them do not obtain to have

access to the writing, then why as many children does not obtain to develop the habit of the reading? The educator before this questioning must develop strategies efficient, capable to stimulate such habit. This work objectified in such a way to enumerate the strategies used for the professors in literature as in practical the pedagogical one to develop the habit of the reading in the pupils, a time who reading efficient become efficient writers, capable to produce renewed books.

Key-words: Education. Practical of reading. Reading. Strategies.

INTRODUÇÃO

Um dos requisitos fundamentais da atividade pedagógica é estimular o hábito da leitura, por meios escritos. Então, surge o grande desafio do educador, ou seja, como despertar o interesse na criança pela leitura. Por que tantas crianças não conseguem desenvolver o hábito da leitura?

A leitura é, portanto, um problema de todos, passa pela família, pela escola, pela biblioteca, pela comunidade e pela sociedade, não pode ser considerada um presente do Estado, posto que seja um direito de todos os cidadãos (BRASIL, 1998).

A leitura possibilita a compreensão do mundo, a comunicação com os outros, a formação pessoal e profissional, o questionamento de idéias, momentos de lazer e prazer, de estímulo à imaginação ampliando assim nossos conhecimentos de mundo. É na escola que a criança tem mais contato com a leitura e com a escrita; desse modo, a escola precisa assumir essa responsabilidade, priorizando o ensino da leitura, bem como da escrita (KLEIMAN, 2004).

Para tanto, esse estudo foi escrito por meio da pesquisa bibliográfica, bem como de campo abordou a temática da leitura nos anos iniciais da educação formal, abarcando assuntos como: a educação formal nos dias atuais, a importância da leitura neste contexto, as práticas de leitura e o professor diante das principais estratégias de leitura; objetivando elencar as estratégias utilizadas pelos professores tanto na literatura como na prática pedagógica para desenvolver o hábito da leitura nos alunos.

A EDUCAÇÃO FORMAL ATUAL

A instituição educativa do século XXI está passando por transformações significativas, devido às mudanças na legislação brasileira, mas principalmente, em

função da rapidez e agilidade que acontecem descobertas a respeito de novas tecnologias, o que influencia as relações humanas, modificando assim, a maneira de olhar o mundo.

Apesar de a educação ter evoluído no século XX, mais especificamente nas duas últimas décadas, não houve o rompimento com as diretrizes originárias da instituição, que se mantém centralista, transmissora, selecionadora e individualista, conforme nos ensina Imbernón (2000).

Juntamente com a sociedade pós-moderna, entende-se, portanto que a educação vem passando por profundas mudanças que resultaram na expansão quantitativa da oferta escolar provocando necessidades de inovações qualitativas nas formas de fazer educação.

Nóvoa (1991 apud UNESCO, 2004, p. 27) aborda a gênese e o desenvolvimento da profissão docente em sua relação com a gênese e o desenvolvimento da instituição escolar. Assim, afirma que:

A trajetória dos sistemas de ensino e da escola e o papel do professor tendem a sofrer significativas transformações nos momentos de transições das sociedades provocadas pelos modelos sociais e com vigentes em cada época, conforme o autor, a história da profissão docente lida com uma série de mudanças e, hoje, ganha novos contornos, a partir do amplo debate em torno da necessidade de redefinição da função educativa.

Nos dias atuais, ser professor significa conhecer o que o termo educar, para que possa desenvolver nos educandos as competências necessárias para se incluírem na sociedade, ou seja, para que sejam capazes de gerirem suas vidas nos âmbitos pessoal, profissional e social.

A esse respeito, Nóvoa (1991 apud UNESCO, 2004, p. 27) aponta que: “[...] as limitações dos currículos existentes e as competências necessárias à formação profissional, entre outros temas, fazem parte das preocupações de pesquisadores do mundo inteiro”. Logo, o professor deve estar comprometido com a construção e dinâmica da escola, de modo coletivo.

A escola do século XXI, conforme os estudos de Imbernón (2000, p. 5) “deve deixar de ser o lugar onde se aprende o básico e se reproduz o conhecimento dominante para assumir que precisa ser também uma manifestação de vida em toda sua complexidade”. Esta complexidade, a qual o autor se refere inclui o aprendizado do que é

ser cidadão, implicando assim nas diversas instâncias, democrática, social, igualitária, intercultural, ambiental e solidária.

Neste contexto, marcado pela aceleração tecnológica e pelas crescentes influências da mídia e computadores on-line, nota-se a instituição escolar vivendo um descompasso. Pesquisas realizadas por Citelli (1998) revelam o profundo desencontro entre o discurso didático-pedagógico e a linguagem não escolar. O primeiro se refere a ações processadas em sala de aula, que são repetidas e massificadas ao longo dos anos de trabalho do professor. O segundo, a linguagem não escolar, que se refere aos signos e códigos que vão desde anúncios publicitários, músicas de sucesso tocando nas rádios, programas, novelas e seriados da televisão, até jogos de videogames e de computadores, que são jogados on-line com um oponente virtual. Tudo isto é real e os aprendizes de hoje, recebem todo este input do meio e quando chegam à sala de aula, parece que estão em outro mundo.

É a linguagem contemporânea citada, seja ela formal ou informal, que passa a funcionar como mediadora dos processos educativos. Para que aconteça a ressignificação da escola para estes aprendizes, faz-se necessário que a instituição escolar se insira nos processos de mudança pelos quais seus aprendizes estão vivenciando.

Assim, a leitura apresenta importante papel neste contexto, uma vez que é algo imprescindível na vida do ser humano, tornando-se excelente ferramenta de ensino na educação formal atual.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO FORMAL

A leitura é um dos objetivos fundamentais da atividade pedagógica, a qual possibilita que a criança entre em contato com inúmeras informações e conhecimentos. Afinal, todas as pessoas estão em contato com uma infinidade de textos todos os dias, sejam anúncios em jornais, revistas, bilhetes, avisos, cartas, quadrinhos, manuais, ou mesmo, obras literárias. A sociedade moderna faz isto a todo o momento. Por isso, a leitura é considerada de uso social, uma vez que os textos servem para informar, instruir ou dar prazer. No entanto, ajudar o aluno a desenvolver o gosto pela leitura é um desafio para os educadores atuais.

No Brasil, o número de pessoas analfabetas é muito grande, sem contar as crianças em idade escolar que freqüentam a escola e ainda não desenvolveram a capacidade de leitura. A quem se deve este fracasso? A política de ensino, a escola e/ou

a família? Como as instituições de ensino lidam com crianças que entram e saem do mesmo jeito, sem dominar a leitura?

Para Silva (1991) “quanto mais o ensino real da leitura for distorcido no âmbito da escola e da sociedade, tanto melhor para a reprodução das estruturas sociais injustas, existentes no país” (p. 36). Nota-se que muitas crianças não conseguem ler e escrever, resultando na reprodução de tais estruturas, relatadas por tal autor.

Talvez esses argumentos de Silva (1991) possam responder tais questionamentos. A crise da leitura no Brasil não é, em essência, uma crise, mas uma ação muita bem planejada por aqueles que detêm o poder. Afinal, não interessa para a classe dominante que o povo tenha acesso ao conhecimento por meio do livro; o importante é manter o povo na ignorância de modo que as causas primeiras da miséria, da marginalização social e cultural sejam obscurecidas ao máximo.

Assim, Jolibert (1994, p. 59) apresenta o perfil do leitor atual:

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta dessa concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de leitores capazes de codificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler.

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos e seja capaz de estabelecer as relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; compreendendo que diversos sentidos podem ser atribuídos a um texto; conseguindo justificar e validar a sua leitura.

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos. A partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente.

Mas o que é ler? O leitor é aquele capaz de decifrar o que está escrito em um bilhete. Ele tem que conseguir realizar a contextualização da leitura, interpretando o que lê. Quando isso não acontece, estas pessoas deixam de usufruir da sua condição de cidadão pleno de direitos e deveres.

A leitura na escola é algo muito importante, a qual os educadores devem estar cientes que a partir do momento em que a criança se insere no processo escolar devem desenvolver a capacidade e o gosto pela leitura entre os alunos. Pode-se dizer que a

leitura faz-se importante na vida de todos os cidadãos, uma vez que por meio desta ferramenta é possível desenvolver o pensamento crítico e criativo perante a sociedade. Sua grandiosidade não deve ser compreendida somente com a alfabetização, mas também como uma leitura que permite a interpretação, a compreensão daquilo que se lê (LERNER, 2006).

Sendo assim, é preciso oferecer às crianças a oportunidade de leitura de forma convidativa e prazerosa. É nesse sentido que o incentivo a leitura desempenha um importante papel, isto é, conduzir as crianças ao mundo novo e desconhecido (KLEIMAN, 2004).

O professor e a escola devem propor a leitura como uma de suas metas, criarem espaços para que os alunos possam discutir em grupos, conjunto a prática de leitura na escola. Garcia (1992, p. 31) afirma que estes profissionais devem “[...] praticar a leitura, capacitando o leitor a desenvolver o gosto pela leitura”.

Cabe ao professor incentivar os alunos a desenvolver o gosto pela leitura, apresentando para a criança diversos livros, fazendo com que seja capazes de ler textos diversificados, bem como fazer leituras em locais diferentes, assistir vídeos, ouvir CDs, pois como escreve Bus (1995 apud TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 118) “numerosas pesquisas evidenciam a importância da leitura compartilhada ou em voz alta e dos procedimentos usados no desenvolvimento de atividade para criar condições excelentes de ambiente social da leitura”.

PRÁTICAS DE LEITURA

De acordo com Cagliari (1995), por leitura se entende toda manifestação lingüística que uma pessoa realiza para recuperar um pensamento formulado por outra e colocado em forma de escrita.

Tal autor explica que uma leitura pode ser ouvida, vista ou falada. Um texto escrito pode ser decifrado e decodificado por alguém que traduz o escrito numa realização de fala. Esse tipo de leitura ocorre mais comumente nos primeiros anos de escola, no trabalho de certos profissionais e em raras situações, para a maioria das pessoas.

Em geral, não se lê em voz alta, fora da escola. E, quando algumas pessoas são solicitadas a ler, envergonham-se, fornecendo desculpas por não saberem ler direito. Isso porque a leitura oral, falada, geralmente é vista, como realização plena do dialeto-padrão não seu nível mais formal, devido aos preconceitos lingüísticos existentes na sociedade.

Essa expectativa, associada ao fato de as pessoas saberem que em sua fala e leitura particular pronunciam as palavras com características dialetais, as quais são mal vistas pelo dialeto-padrão, inibem-nas quando lêem, não porque não saibam ler, mas porque têm vergonha do próprio dialeto, um preconceito que a escola nunca desfez, ao contrário, sempre incentivou. Assim, a leitura oral é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também lêem o texto ouvindo-o.

Os primeiros contatos das crianças com a leitura ocorrem desse modo. Os adultos lêem histórias para elas, pois ouvir histórias é uma forma de ler. A diferença entre ouvir a falar e ouvir a leitura existe, porque a fala é produzida espontaneamente, ao passo que a leitura é baseada num texto escrito, que tem características próprias diferentes da fala espontânea. Entretanto, as duas atividades são semelhantes foneticamente em relação ao processamento.

A nossa cultura durante muito tempo se constituiu de livros escritos e da leitura silenciosa visual (considerada por alguns a verdadeira leitura), preservando-se através deles. Poucas instituições, como os conventos, conservam desde tempos remotos o hábito da leitura pública, em que um leitor lê para a comunidade. Hoje, até as poesias são lidas na solidão de cada um, e ninguém estranha que uma forma lingüística que nasceu para ser ouvida, por suas características rítmicas e melódicas, não seja mais usada em sua plenitude. É quase como um músico que 'lê' uma partitura e imagina a música. Ler uma peça de teatro não é o mesmo que vê-la encenada. São dois tipos diferentes de leitura. Nem sempre a leitura visual silenciosa é a mais adequada para certos textos, que foram feitos com a intenção de serem lidos oralmente ou ouvidos (CAGLIARI, 1995, p.156).

As letras dominaram o mundo durante muitos séculos, mas a impressão que hoje se tem é a de que a imagem tem certo privilégio sobre aquelas, comprometendo, de certa forma, sua hegemonia. No entanto, é preciso saber que a imagem e a letra têm características próprias, com vantagens e desvantagens para os textos que produzem.

A escrita, sem a imagem, permite que o leitor imagine e crie um mundo fantástico, próprio para si, no qual às personagens ganham as formas que ele deseja e sente. Um outro leitor, a partir da mesma leitura, criará um outro mundo. Certamente haverá algo em comum, no entanto, a criação é individual, nesse caso, tem um papel decisivo. Por outro lado, as imagens em movimento reservam emoções que o texto escrito expressa muito mais fracamente.

A leitura oral, falada e/ou ouvida, processa-se foneticamente de maneira semelhante à percepção auditiva da fala. A leitura visual, falada ou silenciosa, além de pôr em funcionamento o mesmo mecanismo de percepção auditiva da fala para a decodificação do texto, precisa pôr em ação os mecanismos de decifração do texto. Assim, não existe leitura sem decifração da escrita.

A escola erra com a criança não levando em conta essa sua dificuldade, muito real e séria, que é a decifração na leitura. Igualmente errado está dizer que a leitura não é decifração da escrita, exigindo-se da criança que aprenda a ler desempenhando atividades que só o leitor treinado e habilidoso domina. Ela precisa de um tempo de decifração, que varia de criança para criança (KLEIMAN, 2004).

Algumas pessoas desenvolvem um tipo de leitura que consiste em ler por alto. Garcia (1992) explica que esse tipo de leitura não acompanha os significantes do texto, mesmo se a escrita é alfabética, mas procura identificar idéias-chave e o que se diz sobre elas. Esse tipo de leitura num texto, cujo conteúdo seja relativamente previsível não é muito problemático, porém, se o texto não for de certo modo previsível, poderá conduzir o leitor a uma falsa interpretação. A grande vantagem desse tipo de leitura é a enorme rapidez com que se podem ler determinados textos, como relatórios, teses, trabalhos acadêmicos e outros.

Em certas ocasiões, quem lê para outros ouvirem um texto escrito, precisa de uma leitura expressiva. Os alunos, desde as primeiras leituras em voz alta, deveriam ser treinados a fazer uma leitura expressiva, porque auxilia a própria compreensão do texto, sobretudo numa fase em que eles ainda estão muito presos à decifração da escrita. Também possibilita que os alunos desde cedo não façam aquele tipo de leitura *silabada*, truncada por pausas, excessivamente vagarosa, sem ritmo, entoação, enfim, sem expressão.

A professora precisa, portanto distinguir a atividade de decifração de letras em palavras da leitura de texto propriamente dita. Para a criança ler um texto é preciso dizer, antes, que o estude, decifre-o e treine sua leitura. Ela não pode lê-lo diretamente, pois corre o risco de frustrar-se diante da leitura, frustrar os colegas que ouvem e, deixar a professora com a incômoda sensação que não sabe ensinar como ler corretamente, o que, na maioria das vezes, é verdade (MACHADO, 2001).

Porque não deixar então, na escola, o aluno preparar suas leituras? Por que não ensinar a criança como preparar uma boa leitura? Um aluno não lê como um gravador reproduz uma fita. Desta forma, e encerrando a explanação de idéias de Cagliari (1995), a preparação para uma leitura em voz alta torna-se, indispensável uma primeira

leitura individual e em silêncio, certa fluência na leitura. Ao ler um texto pronunciando-o naturalmente, com prévia preparação, a criança aprende que ler como se deve é também uma forma de respeitar os ouvintes.

Assim, as poesias, parlendas, trava-línguas, os jogos de palavras, memorizados e repetidos, possibilitam às crianças atentarem não só aos conteúdos, mas também à forma, aos aspectos sonoros de linguagem, como rimas, além das questões culturais e afetivas envolvidas.

Quando o professor realiza com frequência leituras de um mesmo gênero está propiciando às crianças oportunidades para que conheçam as características próprias do mesmo, isto é, identificar se o texto lido é, por exemplo, uma história, um anúncio e outros. Nesses casos, os textos mais adequados são as embalagens comerciais, os folhetos de propaganda, as histórias em quadrinhos e demais portadores que possibilitem às crianças deduzir o sentido a partir do conteúdo, da imagem ou foto, do conhecimento da marca ou do logotipo (LERNER, 2006).

Ter acesso à boa leitura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças desde cedo, apreciam o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida.

O PROFESSOR E SUAS PRINCIPAIS ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Os educadores precisam fazer algo de melhor para seus alunos, principalmente na fase inicial da leitura. Segundo Machado em uma entrevista concedida pela *Nova Escola* (2001, p. 21), “dois fatores contribuem para que a criança se interesse pela leitura, curiosidade e exemplo. Assim é fundamental ao professor mostrar esse interesse”.

O professor deve organizar um ambiente para que possa pôr os livros, que seja aconchegante e no qual às crianças possam manipulá-los e lê-los. Deixá-las levarem o livro para casa, para que possam ler junto com seus familiares.

Segundo Teberosky e Colomer (2003, p.19), “[...] já que a leitura e a escrita não são matérias exclusivamente escolares, convém que os pais e os avós participem da alfabetização dos filhos e dos netos, ajudando-os nas práticas de leitura”.

Conforme a pesquisa de campo realizada com dez professores da Rede Municipal de Educação Infantil, na cidade de São José do Rio Preto/SP, constata-se a

diversidade de estratégias que eles utilizam para enriquecer as atividades de leitura, ou seja, ler um texto, depois fazer com que as crianças levantem hipóteses sobre o tema a partir do título, oferecer informações que situem a leitura, favorecer a conversa entre as crianças para que possam compartilhar o efeito que a leitura produziu trocar opiniões e comentários.

Adicionalmente, apresentaram a variedade textual como principal estratégia para desenvolver o hábito da leitura, ou seja, poesias, parlendas, os jogos de palavras, embalagens, quadrinhos, outdoors, propagandas, pois possibilitam às crianças atentarem não só aos conteúdos, mas também à forma, aos aspectos sonoros de linguagem, como rimas, além das questões culturais e afetivas envolvidas.

Para se obter uma leitura interativa, o professor não precisa transformar a leitura monológica do texto em um diálogo cotidiano. Ao contrário, deve tentar fazer com que as crianças entrem no mundo texto, que participem da leitura de muitas maneiras: olhando as imagens enquanto o professor lê o texto, aprendendo a reproduzir as respostas verbais [...]. Ao escutar a leitura as crianças aprendem que a linguagem escrita pode ser reproduzida, repetida, citada e comentada (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 127).

Sendo assim, o professor deve ler para seus alunos em voz alta, em silêncio, em grupo, não importa a maneira, desde que isso seja feito com muito carinho e prazer, uma vez que quando o contato da criança com a história é feito com certa dose de afetividade, torna-se inesquecível. O professor precisa, portanto, despertar o interesse pela leitura em seus alunos, para que eles sejam capazes de desenvolver o hábito da mesma, partindo da realidade deles, apresentando diversas modalidades de leitura, pois desta forma, tal profissional irá despertar a curiosidade, bem como o interesse pelo ato de ler. Afinal, lendo a criança consegue construir melhor sua escrita e o professor diante dessa situação é o mediador desse processo, ou seja, o facilitador entre a escrita e a leitura.

CONCLUSÃO

Não existe uma receita pronta para despertar nos alunos o prazer pela leitura. O educador precisa usar sua sensibilidade, tendo em mente que cada situação tem aspecto muito particular e valorizar o processo e não o resultado.

Nesse sentido, o presente trabalho propôs, para que a leitura seja algo incentivador e que seja capaz de efetivar atividades prazerosas, possibilitando desenvolver o hábito da leitura nas crianças, é necessário que o professor leve a diversidade textual, vinculados em diferentes tipos, ou seja, livros, jornais, revistas, manuais, pois assim os alunos podem ter contato com diferentes textos desde os anos iniciais da Educação Infantil.

Ensinar a ler e escrever, apesar de todos os problemas que as escolas enfrentam continua sendo a função principal de tal instituição e deve acontecer de forma natural, por meio da realidade dos alunos. A principal função do educador é levar seus alunos a lerem com entusiasmo e sentirem-se realizados com o que lêem, buscando na sua imaginação um novo contar histórias, uma vez que a importância do professor na formação de leitores é tão importante quanto à presença dos pais no momento de ensinar a criança a dar os primeiros passos. Deve-se conduzir com amor, serenidade e acima de tudo, demonstrando pouco a pouco a importância desse passo para o desenvolvimento de sua criatividade.

Afinal, o professor serve como modelo de leitor para os alunos, por isso ele deve permitir que a criança leia durante as aulas, proporcionando aproximações das crianças com este conhecimento e declarando a importância do mesmo. É necessário que a escola, professores e pais estabeleçam uma proposta de incentivo à leitura na vida diária da criança, a fim de que encontre nesta o meio de obter o conhecimento, as informações, o prazer e o gosto pela leitura, possibilitando o desenvolvimento de leitores eficientes e escritores eficazes, capazes de produzir livros renovados na sociedade atual.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. v. 3. 269 p.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Scipione, 1995. 191 p.

CITELLI, A. Educação e mudanças: novos modelos de conhecer. In: CITELLI, B. H.; GERALDI, J. W. *Aprender e ensinar com textos*. São Paulo: Cortez, 1998, p. 17-37.

GARCIA, E. G. *A leitura na escola de 1º grau: por uma leitura da leitura*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1992. 87 p.

IMBERNÓN, F. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez, 2000, 119 p.

JOLIBERT, J. H. *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 219 p.

KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004. 102 p.

LERNER, D. É preciso dar sentido a leitura. *Nova Escola: a revista de quem educa*. São Paulo, ed. 21, n. 195, set. 2006, p. 13-4.

MACHADO, A. M. A leitura deve dar prazer. *Nova Escola: a revista de quem educa*. São Paulo, ed. 16, n. 145, set. 2001, p. 21-2.

SILVA, E. T. *Leitura na escola e na biblioteca*. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1991. 115 p.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Porto Alegre: Artmed, 2003. 191 p.

UNESCO. *Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...* Brasília: Unesco, 2004. 224 p.